

Lição 9: A causa da diferença entre geração absoluta e qualificada em coisas que não são geradas reciprocamente.

67. Depois de explicar por que, no caso das coisas que são geradas reciprocamente, algumas são geradas absolutamente e outras em sentido qualificado, ele [o Filósofo] mostra aqui a razão da diferença entre geração absoluta e geração em sentido qualificado em coisas que não são geradas reciprocamente. Primeiro, ele determina a questão principal pretendida; Em segundo lugar, ele determina certas questões conexas a esta, em 70.

Quanto ao primeiro, ele faz três coisas: Primeiro, ele levanta a questão; Em segundo lugar, ele a responde, em 68; Em terceiro lugar, ele resume, em 69.

Diz portanto primeiro [65] que algumas coisas são ditas geradas absolutamente, algumas apenas em sentido qualificado, não segundo geração recíproca, como foi dito acima, de tal modo, a saber, que uma das coisas geradas reciprocamente é gerada absolutamente, a outra de modo qualificado. Pois é isto o que foi determinado acima, a saber, por que, sendo toda geração a corrupção de outra, e toda corrupção a geração de outra, a geração e a corrupção não são atribuídas de modo similar naquelas coisas que são geradas reciprocamente, mas uma delas é dita gerada ou corrompida absolutamente, a outra de modo qualificado. Mas essa não é a questão subsequente, que diz respeito a por que, em casos em que as coisas não são mutuamente transformadas, uma coisa é dita gerada absolutamente e a outra em sentido qualificado: por exemplo, por que o aprendiz que está se tornando conhecedor não é dito gerado absolutamente, mas apenas em sentido qualificado, i.e., como conhecedor, enquanto um homem ou um animal, quando nasce, é dito gerado absolutamente, embora seja evidente que o aprendiz e o recém-nascido não são casos de geração recíproca?

68. Então [66] ele responde à questão agora levantada e diz que aquelas coisas, algumas das quais são ditas geradas absolutamente e algumas em sentido qualificado, pertencem a predicamentos distintos, de tal modo que um significa "este algo", i.e., substância, outro uma

quantidade, outro uma qualidade, e assim por diante. Coisas que não significam substância, portanto, mas quantidade ou qualidade ou um dos outros, não são ditas geradas absolutamente, mas em sentido qualificado, enquanto coisas que significam substância são ditas geradas absolutamente.

A razão para isso é que a geração é um caminho do não-ser ao ser. Consequentemente, é gerado absolutamente aquilo que adquire um ser ao qual outro ser não é pressuposto. Pois aquilo que é, não é feito. Logo, o que já existe não pode ser gerado absolutamente, mas apenas em sentido qualificado. Portanto, aquelas coisas cujo ser pressupõe outro ser não são ditas geradas absolutamente, mas em sentido qualificado. Ora, o ser dos acidentes pressupõe outro ser, a saber, o ser do sujeito, mas o ser da substância não pressupõe outro ser, porque o sujeito da forma substancial não é um ser em ato, mas um ser em potência. Consequentemente, ao receber a forma substancial, uma coisa é dita gerada absolutamente, mas ao receber uma forma accidental, é dita gerada em sentido qualificado.

Contudo, em "todos", a saber, tanto nas substâncias quanto nos acidentes, a geração absoluta e qualificada são diversificadas segundo uma ordem diferente, seja do ser ao não-ser, ou do ser perfeito ao ser imperfeito, ou do sensível ao não-sensível. Daí que, no caso da substância, em certo sentido se diz haver geração absoluta se o fogo é gerado, mas não se a terra é gerada; e no caso de uma qualidade, diz-se haver geração absoluta se um conhecedor é gerado, mas não se um não-conhecedor é gerado.

69. Então [67] ele resume o que foi dito, afirmando que houve uma discussão universal sobre acidentes e substâncias, quanto ao fato de que algumas coisas são geradas absolutamente e outras em sentido qualificado. Também foi dito que a causa da continuidade na geração, no que diz respeito à matéria, é o sujeito que é transformado em contrários. Pois essa é a razão pela qual, nas substâncias, a geração de uma é sempre a corrupção de alguma outra, e vice-versa, pois a matéria nunca é encontrada sob a privação de uma forma sem ter outra forma. No entanto, em alguns acidentes isso acontece, pois um corpo transparente existe sob a privação da luz sem estar sujeito a uma forma contrária.

70. Então [68] ele determina três questões consequentes. A primeira delas pergunta por que algo é sempre gerado a partir de coisas corrompidas, o que está implícito em sua afirmação de que a geração de um é a corrupção de outro.

Ele responde a esta questão dizendo que, porque a corrupção tende ao não-ser, e a geração é a partir do não-ser, portanto a geração deve ser a partir de coisas corrompidas. Isso ele também prova a partir das opiniões de outros: pois assim como os homens dizem que algo foi corrompido quando chega a ser imperceptível, estado que consideram como não-ser, segundo o terceiro modo postulado acima, assim também dizem que algo foi gerado quando chega do imperceptível e não-ser ao estado de ser perceptível. É evidente, portanto, que, segundo este modo, aquilo que é o termo da corrupção é o início da geração. Consequentemente, quer haja ou não algum sujeito do qual a geração surge, a geração de algo deve ser sempre a partir do não-ser que é o termo da corrupção — pois é da própria natureza da geração que ela proceda do não-ser; mas o fato de tal não-ser estar unido a algo mais que existe é accidental à geração. Onde é evidente que algo é simultaneamente gerado do não-ser e corrompido em não-ser, não importa como o não-ser seja

dito. Consequentemente, aquilo em que a corrupção termina é exatamente o mesmo de onde a geração procede. É por essa razão que a geração procede do que é corrompido. Está de acordo com isso, portanto, que a sucessão de geração e corrupção nunca falha, como foi dito acima; porque a geração é uma certa corrupção do não-ser, e a corrupção uma certa geração do não-ser. Assim, um está sempre unido ao outro, pois um termina naquilo que o outro começa.

71. A segunda questão [69] consiste no fato de que alguém pode perguntar se o não-ser do qual a geração procede e no qual a corrupção absoluta termina, e que é de certo modo ser, é um dos dois contrários. Por exemplo, são a terra e o "pesado" não-ser, como disse Parmênides, e o fogo e o "leve" ser? E ele resolve isso afirmando que não é assim, mas antes a terra é ser, pois, a saber, a terra vem a ser em virtude de a matéria receber uma certa forma, que a faz ser em ato. O não-ser, portanto, é a matéria da terra e do fogo. No entanto, a matéria não é não-ser por si, como acreditava Platão, mas é não-ser por acidente, em razão da privação à qual está unida.

72. A terceira questão [70] pergunta se, a saber, o não-ser que é matéria é comum às coisas que são geradas reciprocamente umas a partir das outras. E ele diz que se a matéria de ambos, i.e., do fogo e da terra, fosse diversa, eles não seriam gerados um a partir do outro, como acontece para aqueles que postularam tanto o fogo quanto a terra como matérias primeiras. Pois as coisas que são geradas mutuamente umas a partir das outras devem ter um sujeito comum capaz de adquirir a forma de ambas. Consequentemente, nenhuma mudança poderia ocorrer entre coisas mutuamente contrárias, como foi dito acima, uma vez que as contrariedades existem primeiro e por si nos elementos acima mencionados, a saber, fogo e terra, água e ar. Logo, se nada fosse transformado de fogo em água ou de ar em terra, ou vice-versa, nada seria transformado de quente em frio, ou vice-versa, como foi dito acima.

Ele acrescenta, no entanto, que a questão das coisas que são mutuamente alteradas é, em certo sentido, a mesma, e em outro sentido, outra. Pois elas são as mesmas quanto ao sujeito. E é isto que ele diz: que o sujeito é o mesmo, qualquer que seja seu status de ser (já que, de fato, ele não é ser em ato, mas em potência). Porém, não é o mesmo segundo a existência ou a noção. Pois assume outra noção e outra existência conforme existe sob várias formas, e também conforme é ordenado a formas diversas, assim como o corpo é outro quanto à noção conforme está sujeito à doença e à saúde, embora seja o mesmo quanto ao sujeito. Em resumo, então, conclui dizendo: "Até aqui sobre esses tópicos."

Revision #2

Created 3 October 2026 21:41:15 by Admin

Updated 3 October 2026 21:49:03 by Admin